



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de Arqueologia e Antropologia**

**Licenciatura em Antropologia**

**Saberes da Comunidade de Machia Como Estratégias de Reprodução Social**

Candidato: Francisco Paulino Muchave Júnior

Supervisora: Professora Doutora Esmeralda Mariano

Maputo, Maio de 2017

Saberes da Comunidade de Machia Como Estratégias de Reprodução Social

Autor

---

Francisco Paulino Muchave Júnior

(Requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia pelo Departamento de Arqueologia e Antropologia, na Universidade Eduardo Mondlane)

Oponente

Supervisora

Presidente

---

Emídio Gune

---

Esmeralda Mariano

---

Hélder Nhamaze

**Maputo, Abril de 2017**

### **Declaração de Honra**

Declaro por minha honra que este trabalho de fim do curso, nunca foi apresentado na sua essência para obtenção de qualquer grau e que o mesmo resulta da investigação por mim realizada, estando indicadas ao longo do texto e na bibliografia as fontes utilizadas

Maputo, 5 de Abril de 2017

.....

(Francisco Paulino Muchave Júnior)

## **Dedicatória**

O presente trabalho é dedicado especialmente à minha mãe, Deolinda Samuel Neves e à memória do meu falecido Pai, Francisco Paulino Muchave (Mambizuene), que sempre lutaram para nos dar educação.

## **Agradecimentos**

O processo da minha formação académica foi e está a ser acompanhado por diversas pessoas, estas que directa e indirectamente estiveram ao meu lado e são parte integrante desta formação. À essas pessoas endereço o meu muito obrigado.

Gostava de uma forma especial, agradecer a minha supervisora Professora Doutora Esmeralda Mariano que de forma sábia, paciente e incansável dispôs-se a ajudar, acompanhar e discutir questões inerentes a este trabalho, esta que incansavelmente incutiu em mim o espírito crítico e de trabalho. Grato por ter recebido a minha solicitação com muita amabilidade.

Aos docentes do Departamento da Arqueologia e Antropologia, que fizeram parte da minha formação académica e em especial ao Dr. Emídio Gune, Dr. Danúbio Lihabe, Dra. Sandra Manuel, e ao Dr. Jossias Humbane.

À minha querida mãe, Deolinda Samuel Neves, pelo afecto, educação e encorajamento, aos meus irmãos Mandlaze (s) e Muchave (s) muito obrigado por tornarem meu sonho possível. Aos meus amigos, Cláudio Chambal, Abílio Luciasse, France Mangué, Henrique Mugabe, Gaspar Langa, César Mbeve, Alberto Matazues, Cremildo Mafuiane, Yolanda Manganhe, Alcinda Nhantumbo, Dinis Foquiço e Américo Zandamela, muito obrigado pelo apoio e por terem feito destes anos, os melhores anos da minha vida.

À minha namorada, o meu muito obrigado pelo amor e carinho! Ao meu eterno 3º grupo (melhor grupo do mundo), aos meus pares do *Follow*, (valeu)! E por fim, aos meus interlocutores do estudo, por terem partilhado comigo as suas experiencias.

Muito obrigado!

## **Resumo**

No presente estudo analiso estratégias de reprodução social na Reserva Especial de Maputo. A minha preocupação nesta pesquisa, passa também por analisar o papel da comunidade de Machia, no que concerne a gestão e conservação da Reserva Especial, uma vez que os estudos sobre esta temática defendem que as comunidades residentes das áreas de conservação têm um papel importante na gestão e conservação da biodiversidade, mas não especificam exactamente o seu papel.

Para a materialização deste trabalho optei pela pesquisa etnográfica (método qualitativo) que consistiu numa observação directa, entrevistas semi-estruturais e bem como conversas informais no local onde o estudo foi feito.

Neste estudo adopto as teorias construcionista de Berger e Luckman (1985) e a interpretativista de Geertz (1989), a partir das quais foi possível perceber que o papel da comunidade de Machia na gestão e conservação é de gerar renda para a REM. Renda esta que constitui uma estratégia de reprodução social e cultural da comunidade, para que a esta tenha recursos de modo a não optar pela caça furtiva.

A partir deste estudo foi também possível perceber que a relação da comunidade de Machia com o meio ambiente na Reserva é “conflituosa”. Pois, se por um lado os gestores da Reserva entendem que com a renda que a comunidade auferi no final do mês seria suficiente para que a comunidade parasse de praticar a caça e a comunidade de Machia por seu lado entende que as suas responsabilidades com os animais restringem-se somente ao espaço geográfico da Reserva, por via disso, a prática da “caça furtiva ainda persiste”.

**Palavras-chave: saberes, papel da comunidade e estratégias de reprodução social**

## Índice

Declaração de Honra .....	i
Dedicatória .....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
1. Introdução .....	1
I capítulo: .....	4
1.1. Delimitação do tema.....	4
Objectivo geral: .....	5
1.2. Revisão da literatura.....	5
2. Problemática.....	11
2.1. Justificativa .....	13
2.2. Enquadramento teórico .....	14
2.3. Conceitos e definições.....	15
III Capítulo: .....	16
3. Procedimentos metodológicos.....	16
IV. Capítulo:.....	19
4. Apresentação e análise de dados .....	19
4.1. Estratégias de reprodução social .....	19
4.2. Comercio .....	19
4.3. Produção agrícola.....	20
4.4. Construção civil .....	21
4.5. Relações transfronteiriças .....	21
4.6. Divisão sexual do trabalho .....	23
4.7. Relação da comunidade de Machia com o meio ambiente na REM .....	25
Considerações finais.....	27

## **1. Introdução**

O meu objectivo inicial neste trabalho era analisar a importância dos saberes locais e o seu contributo na gestão e conservação dos parques naturais. No entanto, considerei necessário ir mais além, procurando também perceber as estratégias adoptadas pela comunidade de Machia para sustentar as suas necessidades, uma vez, que a preocupação desta mesma comunidade durante o dia, não era só ir trabalhar na Reserva, mas também, era accionar outras alternativas que lhes possibilitassem gerar renda diária e mensal através do comércio, produção agrícola e trabalho na construção.

A nível de literatura a questão da inclusão dos saberes locais das comunidades na conservação e gestão das áreas de conservação (Reservas e Parques naturais), tem sido analisado em duas linhas de abordagem.

A primeira abordagem conservacionista/preservacionista refere que “as áreas de conservação como um fim em si, pois as mesmas destinam-se a proteger a natureza selvagem, intocadas frente aos avanços do crescimento demográfico e da devastação do mundo moderno. Subjacente a esta ideia está o pressuposto de que a humanidade caminha irremediavelmente para a destruição dos ecossistemas naturais e que no futuro, restariam somente ilhas de conservação, paraísos remanescentes de um mundo natural” (Diegues 1993:8).

Nesse sentido, o homem e a natureza são vistos como duas entidades dicotómicas e separadas, onde o homem com o seu aparato tecnológico visa destruir a natureza para satisfazer as suas necessidades (Creado e Ferreira 2011).

A segunda abordagem é social/culturalista, esta considera a separação entre a natureza e a cultura ilegítima. Uma vez que não existe separação entre a natureza e cultura, pois sempre que falamos de natureza implicitamente fazemos referência a cultura. Assim como também, quando nos referimos a cultura não excluimos a natureza. Por via disso, as comunidades tradicionais/ indígenas são as que melhor podem lidar com os problemas ambientais das unidades de conservação (Reservas e Parques naturais), porque cresceram naquele contexto sócio - cultural e geográfico e convivem directamente com a natureza, ou melhor, eles também fazem parte da natureza (Diegues et al 2001).



As duas abordagens teóricas acima referidas apresentam algumas limitações, a primeira limitação está no facto de a primeira abordagem considerar e separar o homem da natureza, entretanto, considera-se que a natureza e a cultura são duas entidades separadas e antagónicas e é por isso que o homem visa transformar a natureza para o seu próprio domínio.

A segunda limitação está no facto de considerar as comunidades “ tradicionais” isoladas e sem contacto com o mundo capitalista industrial, e assim sendo, são a chave para resolver os problemas da perda da biodiversidade, com o seu modo de vida primitivo, mas não diz qual é de facto o papel destas comunidades.

Entretanto, estas duas abordagens por terem uma visão mais universal e homogeneizadora das relações sociais das comunidades perdem de vista, a forma contextual em que cada comunidade interpreta, re-significa e constrói as relações sociais do seu quotidiano e a sua relação com o meio ambiente.

A corrente interpretativista de Geertz (1989) e construcionista de Berger e Luckman (1985), forneceram a este trabalho uma visão mais ampla do quotidiano da comunidade de Machia.

A teoria interpretativista defende que as pesquisas humanas e sociais devem buscar compreender a realidade humana que ocorre dentro de um contexto histórico e construída socialmente. A busca dessa realidade passa pela descoberta dos significados camuflados nas acções e palavras dos nativos. As acções e palavras dos indivíduos devem ser encaradas como interpretações pois, traduzem a fórmula que estes usam para definir o que lhes acontece.

Assim os significados das descrições das culturas devem ser calculados em termos das construções que imaginamos que os nativos colocam através da vida que levam (Geertz 1989).

A corrente construcionista de Berger e Luckman (1985) defende que os factos sociais são encarados como resultantes de processos históricos de construção colectiva, contrariamente às perspectivas que vêem os factos sociais como fenómenos naturais. Toda a realidade é socialmente construída no quotidiano, pelas práticas individuais e sociais. De acordo com esta perspectiva teórica tudo quanto existe na sociedade, é passível de uma explicação social, uma vez que, o social explica os factores que estão por detrás de um fenómeno ( Berger e Luckman 1985).

Através de entrevistas e observações realizadas na comunidade de Machia, mostro que os saberes da comunidade de Machia são uma componente muito importante para a obtenção da renda na REM, nesse sentido, o trabalho agrícola, actividades comerciais, construção civil e servir de guia turístico são actividades que permitem a REM arrecadar fundo e que esse fundo depois é revertido em renda para a comunidade

A pesquisa constatou também que os saberes locais são fruto de uma construção histórica colectiva, pois os seus saberes foram adquiridos ao longo do tempo com os seus pais, seu grupo e através da interacção que estabelecem no seu quotidiano com indivíduos fora do seu grupo social.

A presente pesquisa está organizada em cinco (5) partes, a primeira parte inclui a introdução, construção do tema, e os objectivos da pesquisa.

Na segunda parte apresento o “estado de arte” a partir da revisão da literatura sobre os assuntos inerentes a pesquisa. Na terceira parte da pesquisa apresento o enquadramento teórico e conceptual das abordagens usadas no trabalho. A quarta parte é destinada a metodologia, discussão e análise de dados. Na quinta e última parte tecem-se as considerações finais da pesquisa.

## **I capítulo:**

### **1.1. Delimitação do tema**

O processo de construção do tema foi um acto bastante dinâmico e que foi ganhando mais pertinência à medida que fazia-se o trabalho de campo. Numa primeira fase fiz um trabalho exploratório na Reserva Especial de Maputo, tendo como preocupação analisar o processo de inclusão social na conservação da biodiversidade.

Foi a partir deste processo da observação exploratória e de conversas que tive com homens e mulheres naturais e residentes de comunidade de Machia quando estes desenvolviam algumas actividades remuneráveis, tais como, o trabalho agrícola e comércio

*“O dinheiro que ganhamos com a produção de piripiri não é suficiente para nada porque os chefes dão-nos cada vez menos, os meus filhos também gingam. Tenho que ir até Salamanga vender mandioca e daí aproveito comprar milho que dura mais que o arroz ”* (Marta, 53 anos, comunidade de Machia, 2016).

*“Quando começamos a produzir o mel, disseram-nos que os lucros seriam suficientes para conseguirmos comprar as coisas que precisamos, até foi muito numa primeira fase porque quem comprava eram os brancos, agora já não há dinheiro. Nós cá temos queter fortes ligações com pessoas das outras comunidades, onde fazemos “xitiques”<sup>1</sup> de comidas, trocamos milho, mandioca, arroz, e peixe”* (Elisa, 41 anos, comunidade de Machia, 2016).

Foi depois de ter ouvido este tipo de conversas, que me apercebi de que ao colocar o enfoque sobre a importância dos saberes locais não era suficiente para perceber o contexto social da comunidade de Machia, pois era preciso ir mais além, e isso passava por perceber as estratégias adoptadas na comunidade de Machia para sustentar as suas necessidades.

Essa constatação por um lado, deveu-se ao facto deter-me apercebido que a relação da comunidade de Machia com a REM é a tempo parcial, pois a comunidade recorre a

---

<sup>1</sup>Xitique é uma forma de colectar recursos seja em dinheiro ou em produtos alimentícios, onde depois são redistribuídos da forma equitativa para todos membros

outros mecanismos para sustentar as suas necessidades trabalhando em outros projectos, como os de construção civil, comércio, produção agrícola, *xitique* e em algum trabalho doméstico remunerável na comunidade de Machia e nas outras comunidades.

Nesse sentido a partir das conversas foi possível ver e enquadrar as estratégias de reprodução social neste trabalho.

## **1.2. Objectivos da pesquisa**

### **Objectivo geral:**

- Compreender a relação da comunidade de Machia com o meio ambiente na Reserva Especial de Maputo

### **Objectivos específicos**

- Identificar as actividades quotidianas que esta comunidade de Machia desenvolve
- Descrever as actividades quotidianas que a população desenvolve na Reserva
- Analisar as várias estratégias adoptadas pela comunidade para sustentar as suas necessidades.

### **Pergunta de partida**

- Qual é o papel da comunidade de Machia na gestão e conservação da Reserva Especial de Maputo?

## **1.2. Revisão da literatura**

### **Áreas de conservação (Parques e Reservas):**

Apresento em seguida as perspectivas que se debruçam sobre a conservação e gestão da biodiversidade.

O assunto é discutido em duas perspectivas diferentes, a primeira insere-se no âmbito biológico/ natural (preservacionista e conservacionista) e a segunda perspectiva refere-se ao âmbito social / cultural.

“A perspectiva biológica entende que as unidades de conservação (áreas protegidas por lei) são um fim em si mesmas, e destinam-se a proteger a natureza selvagem, intocadas frente aos avanços do crescimento demográfico e da devastação do mundo moderno.

Subjacente a esta ideia está o pressuposto que a humanidade caminha irremediavelmente para a destruição dos ecossistemas naturais e que no futuro, restariam somente ilhas de conservação, paraísos remanescentes de um mundo natural” (Diegues 1993:8).

De acordo com Barbosa et al (Sd) “as unidades de conservação integral pautam pela ideia de que determinadas áreas devem ser protegidas da acção humana, seguindo a lógica que considera o ser humano, como um predador da natureza por excelência”.

Por outro lado, Terborgg e VanSchalk (2002), citados por Creado e Ferreira (2011) defendem que grosso modo, um dos fortes argumentos contrários à presença humana nas áreas de conservação (unidades de conservação) fundamenta-se na conservação da biodiversidade do uso sustentável, que são um futuro incerto do ponto de vista da manutenção da biodiversidade, pois determinadas espécies, como os mega - herbívoros e os carnívoros de topo de cadeia, seriam especialmente susceptíveis à presença e ao uso humano. Portanto, são considerados “preservacionistas” os que preocupam-se com a defesa do ambiente não humano.

A segunda linha conservacionista não se difere muito da primeira preservacionista, mas aqui a ênfase é colocada sob a racionalização. Creado e Ferreira (2011) defendem que os conservacionistas admitem a presença humana nas áreas protegidas mas que a sua acção deve ser racional de modo a não destruir o meio ambiente já que o homem precisa do meio ambiente para a sua própria sobrevivência.

A visão preservacionista defende a ideia de que o homem deve ser retirado da natureza e que a natureza deve ser isolada da acção da influência do homem, enquanto a visão conservacionista admite a presença do homem nas áreas de conservação, desde que a acção do homem seja racional.

Estas duas perspectivas inserem-se na lógica de que a natureza e homem são duas entidades separadas e que existem uma separadamente da outra. Nesse sentido, o homem nesta lógica é visto como predador da natureza para o seu domínio.

Juntam-se a este debate Ngoenha (1994) e Santos et al (2006) que problematizam a questão das unidades de conservação, embora tomando perspectivas distintas.

Ngoenha (1994) sustenta que as terapias sociais prospectadas – acordos do GATT<sup>2</sup>- não correspondem aos problemas e às preocupações dos países do sul; mas quando se trata de problemas ecológicos, os pobres são os mais solicitados a carregarem sobre si os desequilíbrios provocados pelos países ricos.

É sobre esta questão que Ngoenha procura mostrar que não existe separação entre a primeira natureza (primitiva) e a segunda natureza (cultura), pois quer para as sociedades, ditas primitivas, quer para as sociedades industrializadas, a relação entre a “ primeira ” e a “ segunda natureza ” está no centro do debate. Uma atitude demasiado mística, ou uma atitude radicalmente instrumentalista resultam perniciosas para a natureza, e por consequência, para o próprio homem.

“De facto, quando se fala de ambiente, faz-se referência ao ambiente humano, e todos os argumentos para a defesa de tal ou tal parcela da natureza, têm uma razão de ser, no quadro de uma teleologia humana e de uma vontade de sobre vivência. Por conseguinte, o problema do ambiente, da relação natureza cultura, do lugar do homem na natureza, não depende simplesmente da política, da técnica, do social ou da biologia” (Ngoenha:1994:17).

Este autor convida-nos a descer até as raízes profundas da crise ambiental, isto é, compreender e analisar os processos de tomada de decisão tendo em conta às dimensões simbólicas e espirituais das culturas, isso implica compreender que as suas atitudes culturais em relação à natureza são perniciosas, e seria ainda mais pernicioso continuar o mesmo processo de relacionamento com a natureza sem um momento de reflexão.

Para Ngoenha (1994:39) “o pensamento africano que pretende guiar o povo de todo continente em direcção a uma visão instrumentalista da natureza, não é anacrónica, vista sobretudo em função da mudança de atitude do pensamento ocidental e das ameaças do desequilíbrio, cada vez mais fortes nos ecossistemas”.

Nesse sentido, ele “reconhece que as zonas mais inquinadas da terra são, por agora, as zonas habitadas por pobres, que tendem sobretudo para o arranque económico e não podem permitir-se ao luxo de se concentrarem sobre a devastação da natureza e da saúde, que tal política comporta” (Ngoenha 1994:81).

Ao mesmo tempo que a África não é chamada para partilhar as riquezas do mundo, é a mais solicitada para a resolução dos problemas ambientais causados pelas grandes indústrias. Com efeito, quando se trata de problemas ecológicos, o terceiro mundo – e a

---

<sup>2</sup>GATT- acordo geral de tarifas e comércio, com objectivo de harmonizar e melhorar as relações comerciais dos estados signatários

África em particular - deve carregar os seus ombros todo o peso do intervencionismo e instrumentalismo ocidental sobre a natureza.

Diante da crise ecológica cada vez mais ameaçadora e da acentuação do desequilíbrio económico entre Norte e o Sul são possíveis três cenários:

1.º O Ocidente muda as suas práticas de produção e de intervencionismo instrumental sobre a natureza, o que significaria o fim do sistema capitalista.

2.º. O terceiro mundo, e a África em particular, unem-se e obrigam os países do Norte a uma relação de trocas económicas mais equilibradas, o que significaria o fim de trocas desiguais.

3.º. Os países do Norte não modificam nada, impedem a unificação dos países do Sul, e tudo continua na mesma, com agravante de o Sul pagar um tributo suplementar para a ecologia.

Se esta terceira hipótese, a mais provável, se realizar, estamos diante do “ retorno do bom selvagem”.

Neste sentido, a visão de Ngoenha (1994) sobre o meio ambiente ao que chamou de “retorno do bom selvagem” é caracterizado por relações assimétricas, em que os países do centro transferem a responsabilidade dos problemas ambientais para África, onde África deve ser privada do progresso em nome de conservação do ambiente, por outras palavras, enquanto os países do centro alcançam os seus objectivos económicos, em contrapartida, a África é obrigada a aceitar alguns acordos que em última instância só retardam o seu desenvolvimento para responder os problemas ambientais.

A mesma linha de análise crítica de Ngoenha também é partilhada por Santos et al (2006:49) defendem que a ideia da biodiversidade está estreitamente vinculada à visão de que o Sul seria o reservatório mundial da diversidade biológica.

A biodiversidade constitui um importante recurso para a humanidade, não só pelo seu valor utilitário como pelo seu valor estético. Aliás, o valor estético tende a confundir-se cada vez mais com o valor utilitário, como o demonstra o crescente impacto económico dos projectos de ecoturismo. A retórica destes projectos está hoje ligada a uma tentativa de controlo de zonas florestais e costeiras, onde o ambiente constitui um recurso central para a valorização económica da zona.

Os “paraísos” para turistas – como são frequentemente descritas as unidades de conservação, acompanhadas de imagens de paisagens idílicas, nas brochuras de ecoturismo – contrasta com as estratégias de sobrevivência dos habitantes dessas zonas que nelas habitam, onde o dia-a-dia inclui tarefas nada idílicas, como a luta pelo acesso

à terra ou a necessidade vital de garantir a produção que pode ser destruída por demasiada chuva ou pela chuva que nunca veio.

Na perspectiva monetária e utilitarista das unidades de conservação, de modo a se obter uma paisagem romântica destinada ao lazer com garantia da presença de turistas – é preciso que sejam definidas as regras de manutenção e preservação do meio ambiente e que estas sejam cumpridas.

Saber quem define essas regras e através de que processos, com a participação de quem, quem dispõe da autoridade e legitimidade necessárias para as fazer cumprir e quais os meios utilizados para as fazer cumprir, não são questões pacíficas. Não é evidente que esses processos e planos de conservação tragam às comunidades, em nome das quais são comunidades locais, depois de formulados e realizados, os beneficiários prometidos, especialmente quando essas comunidades não participam no processo de decisão sobre o desenho e execução.

Nestas circunstâncias, sucede com frequência que as comunidades são obrigadas a aceitar uma concepção de defesa do ambiente ou dos recursos naturais que significa, acima de tudo, a proibição a proibição (através de acordos que são assinados pelos governos), de optar por vias para o desenvolvimento local que recusem a “fixação” da comunidade no tempo próprio da “invenção da tradição” para fins turísticos (Kipuri, 1998 citado por Santos et al 2006:55).

Esta perspectiva social problematiza a visão que defende que as comunidades com o seu modo de vida podem resolver os problemas da degradação do meio ambiente, assim como também sugerem a revisão de políticas de unidades de conservação.

### **Conhecimento local**

Johan Pottier (1988:1), argumenta que “ culturas tradicionais são vistas como contendo as bases para qualquer desenvolvimento eficaz. Há maior consciencialização da importância dos sistemas de conhecimentos indígenas na construção de estratégias de sustentabilidade”.

Esta consciencialização visa contribuir para um diálogo entre actores desenvolvimentistas e actores em que se destina o desenvolvimento ou seja, o conhecimento indígena deve sempre ser levado em conta na elaboração de políticas ambientais, uma vez que o conhecimento local abre pistas para a compreensão de alguns fenómenos negligenciados e que depois influenciam para o insucesso de uma política.



Nesta ordem de ideias, Pottier (1988) mostra-nos que o conhecimento local, deve ser entendido num sentido mais amplo e não só nos seus aspectos técnicos porque o conhecimento das sociedades indígenas extravasa a dimensão em que as autoridades as atribuem porque esses conhecimentos interagem e compreendem várias dimensões que são negligenciadas pelos desenvolvedores.

Por seu lado Berkes (1999:5) entende que “o conhecimento tradicional é a continuidade cultural transmitida socialmente de geração para geração envolvendo crenças, princípios, atitudes e convenções de comportamento e praticas assentes na experiencia histórica e é um processo cumulativo e aberto a mudanças”.

A mesma linha de Berkes (1999) está o posicionamento de Hosbsbawm (1984) que entende que fenómenos tradicionais são aqueles que perduram no tempo histórico ou seja, tudo que nos remete ao passado e que está presente nos tempos actuais.

A partir dos argumentos de Pottier e Berkes é possível perceber que os saberes das comunidades em que são implantadas as áreas de conservação devem ser tidos em conta em todos aspectos e não só em na dimensão material (mão de obra).

### **Estratégias de reprodução social**

No que concerne as estratégias de reprodução social o assunto é discutido na vertente social, em termos de perenidade social do grupo.

Não obstante a temática de reprodução social é vista como a forma como os indivíduos sustentem as suas necessidades.

Bourdieu e Passeron (2009) denominam de reprodução social o processo através do qual uma sociedade reproduz ou modifica a sua própria estrutura, utilizando-se de diversos mecanismos. Nesse sentido, a reprodução social diz respeito aos elementos mais amplos, desde a reprodução biológica até a reprodução social, que se refere a todas as formas usadas pelas pessoas para se manter vivas.

Por outro lado Cáceres (1995) concebe a reprodução social como o resultado das relações sociais de produção que permitem a renovação de uma sociedade na sua totalidade, bem como de seus membros nas diversas dimensões. Isso significa que a reprodução social não faz referência somente à reprodução biológica, mas principalmente à renovação dos bens materiais de que depende a reprodução social de indivíduos ou de famílias.

Na mesma ordem de ideias está Roberts (1994) que entende que estratégias são mecanismos ou princípios que guiam os indivíduos de uma família na procura do bem-estar, na sobrevivência e na mobilidade social. Assim sendo, os indivíduos são influenciados por normas sobre as obrigações dos membros, estas são partilhadas quanto as prioridades da família

No contexto da área de conservação a reprodução social é entendida como modo pelo qual a sociedade adopta para a perpetuação de terra.

Bouchard e Goy, 1992; Dérouet, 1995; Viret, 2008 citados por Proeza (2010:143) defendem que a reprodução familiar ou reprodução familiar é o resultado do processo meio do qual uma população consegue perpetuar, num dado território, as estruturas e as relações que a constituem.

Neste sentido, a reprodução social de um grupo social de um grupo se constrói através dos meios utilizados por uma família para transferir para de uma geração para outra um capital que permita que o estabelecimento dos seus descendentes, onde o sucesso desta reprodução social está vinculado aos problemas a transmissão à terra.

## **II capítulo:**

### **2. Problemática**

O debate sobre a necessidade de conservação da biodiversidade em Moçambique tem sido objecto de análise de vários fóruns, para responder a esta imposição global, o governo adoptou e implementou estratégias que culminaram com a inclusão da comunidade na gestão e conservação da Reserva especial de Maputo.

A REM tem uma área de 1040 km<sup>2</sup> e foi legalmente criada através do Diploma Legislativo n.º 1994 de 23 de Julho de 1960, foi instituída em 23 de Abril de 1972 como Reserva de caça, em 1977 como Reserva de elefante e em 9 de Agosto de 1979 como Reserva Especial de Maputo (REM).

Neste sentido, existem duas perspectivas principais nesta temática de conservação e gestão de biodiversidade, a primeira está no âmbito biológico/ naturalista que separa a natureza do homem, vendo o homem como o principal destruidor do meio por via disso a natureza deve ser protegida do homem. A segunda perspectiva é construcionista /

cultural esta perspectiva ao contrário da primeira defende que o homem e a natureza não são entidades separadas mas sim duas entidades pertencentes a mesma categoria por via disso, o homem também faz parte da natureza.

Concernente a problemática de gestão e conservação da Reserva, as sociedades que vivem nas zonas onde as áreas de conservação são chamadas para reverter a situação da perda da biodiversidade, uma vez que os seus saberes são considerados importantes para a manutenção de todas as espécies de animais e organismos vivos. Não obstante, alguns autores Ngoenha (1994) e Santos et.al (2006) consideram que as sociedades tradicionais são instrumentalizadas para resolver os problemas causados pelos ricos. Neste sentido, o confronto entre a pesquisa exploratória que realizei no Parque, constatei que a sociedade desempenha uma série de actividades dentro da reserva. Nesse sentido urge a necessidade de perceber, *Qual é o papel da sociedade na gestão e conservação da Reserva Especial de Maputo?*

## **2.1. Justificativa**

A discussão de áreas de conservação é um tema muito debatido em todas esferas, em quase todo mundo.

Este assunto levanta muita polémica, questionamentos e posições muito distintas no seio da sociedade Moçambicana e no mundo em geral.

O tema sobre a necessidade de criação de áreas de conservação em Moçambique, ainda ocupa um lugar “marginal” na arena científica, conseqüentemente, os modelos adoptados em Moçambique ainda são importados de alguns países nórdicos.

Neste sentido, ao mesmo tempo que são implementados esses modelos, a devastação da biodiversidade tem se mostrado um assunto actual e que carrega consigo varias nuances. Contudo, esta problemática tem sido “politizada” de tal forma que acabou ganhando um lugar de destaque na mídia nacional e internacional.

Sendo o homem um dos principais responsáveis pela devastação da biodiversidade, entendo que a compreensão da complexidade e das especificidades da relação do homem com o meio ambiente, é pertinente para entendermos a forma como diversas comunidades vivem, reagem e entendem o meio natural, social e cultural que os circunda. Acredito que a antropologia seja umas das ciências sociais que melhor podemos desvendar e compreender as diversas nuances subjacentes a este assunto, pois, antropologia é por excelência a ciência que tem o homem como objecto de estudo no seu sentido holístico.

## 2.2. Enquadramento teórico

Este trabalho é orientado por duas perspectivas teóricas, a construcionista de Berger e Luckman (1985) e interpretativista de Geertz (1989).

A corrente construcionista de Berger e Luckman (1985) defende que os factos sociais são encarados como resultantes de processos históricos de construção colectiva, contrariamente as perspectivas que vêem os como fenómenos naturais. Para esta teoria toda a realidade é socialmente construída no quotidiano, pelas práticas individuais e sociais.

De acordo com esta perspectiva teórica, tudo o quanto existe na sociedade, é passível de uma explicação social, uma vez que o social explica os factores que estão por detrás de um fenómeno (Berger e Luckman 1985).

No contexto desta pesquisa, a corrente construcionista permitiu-nos perceber que as actividades desempenhadas pela comunidade de Machia no seu dia-a-dia, no âmbito da gestão da Reserva também foram se construindo historicamente ao longo do tempo, e outros interlocutores referem que herdaram esses conhecimentos dos seus pais.

Para poder compreender as lógicas e as interpretações da comunidade de Machia no âmbito da gestão participativa REM adopto também a corrente interpretativista de Geertz (1989).

A teoria interpretativista parte do princípio de que as pesquisas humanas e sociais devem buscar compreender a realidade humana que ocorre dentro de um contexto histórico e construída socialmente. A busca dessa realidade passa pela descoberta dos significados camuflados nas acções e palavras dos nativos.

As acções e palavras dos indivíduos devem ser encaradas como interpretações, pois traduzem a fórmula que estes usam para definir o que lhes acontece. Assim os significados das descrições das culturas devem ser calculados em termos das construções que imaginamos que os nativos colocam através da vida que levam (Geertz 1989).

### **2.3. Conceitos e definições**

Nesta análise serão tomados em conta alguns conceitos que irão orientar a compreensão dos fenómenos aqui tratados.

Na perspectiva de senso comum, sociedades tradicionais são definidas como comunidade rural, isoladas, pequenas, homogéneas, onde as pessoas se aglutinam de forma impessoal e possuem relações conectadas e mais próximas, que usualmente são tidas também como comunidade rural.

#### **Construção social**

É a elaboração de valores, regras, normas, significados e símbolos sociais realizados pela sociedade, a partir de práticas individuais e sociais de cada um.

Berger define a construção social como algo que é construído colectivamente e que é diferente do que é tido como natural.

#### **Género**

Género também é um conceito que vai ser usado neste trabalho, para mostrar a forma como são elaboradas e divididas actividades entre homens e mulheres da comunidade de Machia.

“Género é um conceito das ciências sociais que se refere à construção social do sexo. Significa dizer que a palavra sexo designa agora no jargão da análise sociológica somente a caracterização anátomo-fisiológica dos seres humanos e a actividade sexual propriamente dita. O conceito de género existe, portanto, para distinguir a dimensão biológica da social” (Heilborn 1997:1).

Nesta pesquisa adopto os conceitos de saberes locais de Berkes (1999) e construção social como unidades de análises para designar todas relações sociais abertas, que as sociedades/comunidades adquirem no seu quotidiano através da socialização e sem circunscrever - lhes ao espaço geográfico delimitado e sem fronteiras geograficamente fixas, uma vez que a comunidade de Machia não está isolada no seu contexto social e geográfico, mantém relações sociais estreitas com outros indivíduos pertencentes a outras culturas e de outros quadrantes do mundo, onde interagem, trocam experiências, ensinam e assimilam outros saberes que vão para além daqueles já tinham

### **III Capítulo:**

#### **3. Procedimentos metodológicos**

Nesta secção apresento os procedimentos metodológicos usados para a elaboração deste trabalho.

Antes de mais, importa referir que essa pesquisa por ter adoptado o método etnográfico, que é um método que privilegia o quotidiano das pessoas. Nos vimos na necessidade de garantir a confidencialidade dos interlocutores deste estudo, por via disso, optamos por adoptar nomes fictícios, para que os participantes do estudo não sejam reconhecidos e identificados.

No que tange a primeira etapa consistiu na revisão de literatura sobre gestão e conservação da biodiversidade. A segunda etapa cingiu na pesquisa exploratória no distrito de Matutine. A terceira etapa consistiu na apresentação, interpretação e análise de dados.

A primeira etapa compreendeu ao que Malinowski (1974) chamou de estar “teoricamente bem informado”, neste sentido, procurei informar-me sobre a gestão e conservação em áreas de conservação e o que em última instância resultou na pesquisa de material bibliográfico feita na biblioteca Brazão Mazula, e para além da pesquisa na internet.

A segunda fase compreendeu a ida ao campo para uma pesquisa exploratória, fui registando os vários aspectos da vida que iam acontecendo no campo.

Para a realização deste estudo, optei pela perspectiva de abordagem qualitativa que preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados por causa da sua complexidade, esta perspectiva preocupa-se com a compreensão e explicação dos fenómenos sociais. Com a abordagem qualitativa, é possível captar as dinâmicas das relações sociais, que por outra via, mostrar-se-iam incompreensíveis.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 1994).

### 3.1. Perfil de participantes do estudo

Em meados do ano de 2016, desloquei-me para o distrito de Matutuine concretamente, na comunidade de Machia, onde tive a oportunidade de conversar com universo de 20 pessoas, e que depois segui dez (10) pessoas (das quais 6 são mulheres e 4 homens) que foram meus interlocutores para a realização deste trabalho.

A idade dos interlocutores varia de 40- 60 anos de idade, dos quais quase todos são nativos da comunidade de Machia, excepto, um interlocutor de 45 anos de idade que nasceu na comunidade de Madjadjane.

O critério de escolha dos interlocutores nesta pesquisa foi o da proximidade da comunidade de Machia com a Reserva Especial de Maputo e pelo facto desta comunidade estar integradas no grupo que está a desenvolver acções através dos seus saberes.

Nome de interlocutor	Nível de escolaridade	Crença religiosa	Idade	Ocupação profissional
Elisa	7ª Classe	–	41 anos	Doméstica
Marta	3ª Classe (antigo currículo)	Cristã (Zione)	53 anos	Vendedeira/machambeira
Daniel	5ª Classe	Cristã	45 anos	Pedreiro
Catarina	–	Islão	55 anos	Vendedeira /machambeira
Cristina	4ª Classe	Cristã africana	60 anos	Vendedeira
Mateus	7ª Classe	Islão	50 anos	Carpinteiro /machambeiro
Arlindo	10ª Classe	Cristã (Zione)	49 anos	Pedreiro/ guia turístico
Jorge		–	60 anos	Carpinteiro/ escultor
Amélia	12ª Classe	Cristã (ziona)	40 anos	Doméstica
Melita	–	Cristã africana	60 anos	Vendedeira/ doméstica



### **3.2. Desafios e constrangimentos**

Durante a pesquisa foram encontrados alguns constrangimentos os quais foram superados.

Aquando da minha primeira ida ao campo para fazer uma pesquisa exploratória, fui recebido muito bem pelos responsáveis da REM. Nessa altura estava acompanhado por alguém ligado à REM, mas quando pedi para que me apresentassem as comunidades com quem trabalham, foi aí que começaram os problemas.

Primeiro porque os responsáveis da REM queriam falar por essas comunidades, e quando fui levado a comunidade de Machia ninguém tinha tempo para falar comigo, mas esse constrangimento logo foi superado quando eu falei que era um estudante que queria aprender com a comunidade um pouco do seu modo de vida.

Na minha segunda visita ao campo, os meus interlocutores já estavam mais familiarizados com a minha presença, pelo que as nossas conversas fluíram mais e os participantes foram mais abertos. No entanto pelo facto da REM receber estudantes e alguns pesquisadores anualmente, e alguns destes oferecerem dinheiro depois das entrevistas, alguns interlocutores perguntaram-me se iam ganhar algum subsídio por despende do seu tempo a conversar comigo.

Este constrangimento também foi ultrapassado depois de ter-lhes explicado que estava ali para desenvolver um trabalho final de curso e que não dispunha de recurso financeiro para poder lhes ressarcir pela sua participação.

O terceiro e último constrangimento têm a ver com condições infra-estruturais e logísticas, o acesso ao REM é muito difícil devido as condições das estradas que requerem o uso de transporte com atracção para viajar.

## **IV. Capítulo:**

### **4. Apresentação e análise de dados**

Esta secção é destinada a apresentação e análise de dados colhidos no campo onde o estudo foi realizado.

Com estes dados mostro que os saberes locais das comunidades residentes nas mediações da Reserva Especial de Maputo são usados como estratégias de reprodução social das próprias comunidades locais, assim como também para evitar que estas sociedades não tenham uma convivência “conflituosa ” com diversas espécies animais dentro da Reserva.

#### **4.1. Estratégias de reprodução social**

Em termos de estratégias de reprodução social a comunidade de Machia tem quatro actividades que garantem a sua perenidade biológica, social e cultural.

O grupo focal com que trabalhei era composto maioritariamente por mulheres, onde essas mulheres têm fortes ligações com outras comunidades da região de Bela Vista.

Depois de ouvir as interlocutoras a reclamarem de não ter dinheiro para sustentar as suas necessidades quotidianas, perguntei como é que fazem para sustentar as suas necessidades?

#### **4.2. Comercio**

*“Acordo às 4:30 min, vou doutro lado de Salamanga, é lá onde vendo batatas. Tenho um grupo de mulheres com quem trabalho, dou-lhes batatas e no final do dia trazem-me o dinheiro, é esse dinheiro que uso para comprar comida” (Cristina, 60, anos comunidade de Machia, 2016).*

Quando procurei saber quem eram as mulheres com quem esta interlocutora trabalha, disse-me que o grupo é composto por 6 mulheres das quais todas são pessoas da sua confiança, pois vão desde tias, irmãs e amigas.

Nesse sentido, é possível entender que esta estratégia usada pela nossa entrevistada permitiu-lhe no final do dia ganhar dinheiro para sustentar as suas necessidades.

Esta estratégia de venda, permite-lhe reproduzir-se biológico e socialmente, está ancorada no parentesco e na confiança, uma vez que a batata que é o produto que ela comercializa, é oferecida a pessoas com quem ela tem algum grau de parentesco, (as suas tias, irmãs e suas amigas), tal como Batalha (1995:751) entende que “o estudo de sistemas de parentesco assume grande importância no trabalho dos antropólogos, pois, as culturas por eles estudadas, pertencem, na sua maioria, a uma categoria de sistemas sócio - culturais em que as relações de parentesco são a principal forma de organização social”.

O comércio é desse modo umas das actividades adoptadas na comunidade de Machia de modo a sustentar as suas necessidades no seu quotidiano e desse modo constitui uma estratégia de reprodução social desta comunidade.

### **4.3. Produção agrícola**

Para além da actividade comercial a comunidade de Machia dispõe de outras estratégias que lhe conferem a sua perenidade biológica, social e económica como é o caso da produção agrícola.

*“Eu prefiro vender mandioca e milho, para pessoas que me ajudam quando não tenho dinheiro, às vezes combinamos com o grupo de mães para fazermos trocas de produtos entre nós, Anabela quando o seu filho traz morvite da África do Sul, trocamos com ela, ela nos dá morvite e nós milho.”* (Melita, 60 anos, comunidade de Machia).

A partir desta citação fica evidente uma vez mais que estas estratégias adoptadas por mulheres da comunidade de Machia para suprirem as suas necessidades do dia-a-dia, são baseadas na proximidade social, ou seja, o facto de ter algum grau de parentesco.

*“ Estamos aqui neste projecto, para evitar que os animais não morram, porque lá, fora alguns matavam elefantes para vender. Agora nós aqui não matamos nada e nem comemos essa carne, só plantamos piri-piri para vender, esse é o nosso ganha-pão”* (Elisa, 41anos, comunidade de Machia, 2016).

A produção de piripiri foi a primeira cultura agrícola implementada na Reserva Especial de Maputo e envolvia outras comunidades para além da comunidade de Machia, tais como a comunidade de Madjajane e Bela-vista.

#### **4.4. Construção civil**

A construção civil é também umas actividades é que ultimamente ganhado espaço na agenda dos indivíduos da comunidade de Machia devido a crescente actividade do ecoturismo.

*“Nós homens trabalhamos, na construção de lounge, e olha que quando nos disseram que queria fazer um lounge nós desta comunidade somos quem que dissemos para cobrir o tecto com palha, porque com chapas de zinco quando vem vento, as chapas voam e iam gastar dinheiro toda hora a fazer reforma”* (Daniel, 45 anos, comunidade de Machia, 2016).

A construção civil concretamente a construção de infra-estruturas de alvenarias porque a comunidade de Machia normalmente usa o material local para a construção das suas casas, por exemplo: capim que usam para cobrir o teto, estacas e caniço.

*“Para além da construção do Lounge temos feito outros trabalhos de construção tais como construção de barracas, construção de casas de alvenarias. Trabalhei como ajudante de pedreiro no Maputo”* (Arlindo, 49 anos, comunidade de Machia).

#### **4.5. Relações transfronteiriças**

A comunidade de Machia, tem fortes ligações com comunidades de fora de Matutuine. Destas relações que a comunidade de Machia mantém com outras comunidades de fora de Matutuine, até de fora do país são motivadas por pelo menos por três razões! Relações de parentesco, relações comerciais e a procura de emprego.

*“Para além do trabalho que faço, o meu filho que está na Suazilândia às vezes me manda o dinheiro. Às vezes também traz algumas sementes de lá, já que as sementes de lá são mais fortes”* (Jorge, 60anos, comunidade de Machia).

É preciso antes de mais, reiterar que as relações que a comunidade de Machia que estabelecem com pessoas de outros pontos, são relações heterogéneas, no sentido de não serem todos residentes de Machia que mantêm contacto com indivíduos que estejam noutros pontos do país e assim como também fora do país.

A partir dos vários relatos é possível concluir que, por um lado, as relações que esta comunidade estabelece com indivíduos dos outros pontos são baseadas no parentesco, relações comerciais e pela procura de emprego.

*“Os nossos filhos, vêm que aqui não tem emprego, então acabam indo trabalhar para África do sul, lá podem fazer qualquer coisa que já vale mais do que aqui. Eu também quando era jovem trabalhei por uns anos na África do sul mas depois adoeci e me mandaram embora”* (Arlindo, 49 anos, comunidade de Machia, 2016).

Se por um lado a perspectiva de Redfield (1989), vêem as comunidades tradicionais como comunidade rurais, isoladas, pequenas, homogéneas, onde as pessoas se aglutinam de forma impessoal e possuem relações conectadas e mais próximas, sendo estas sociedades primitivas/ tradicionais auto-suficientes e que encontram-se imunes a qualquer tipo de ligação a territórios mais urbanizados.

A mesma perspectiva que é apresentada e criticada por Diegues (2001:83) “de o isolamento geográfico relativo ao modo de vida tradicional, caracterizado pela fraca acumulação de capital, dependência limitada da economia de mercado, importância das relações de parentesco, tecnologias manuais de pouco impacto sobre a natureza, fizeram com que seu território da Mata Atlântica se mantivesse relativamente bem conservado, ao contrário com o que ocorreu com o resto do estado, onde se deu a monocultura de cana-de-açúcar, café e também os processos de industrialização”.

Essas relações transfronteiriças da comunidade de Machia permitem-nos discordar e problematizar estas duas linhas do raciocínio de Redfield (1989) e Diegues (2001) que defendem que as comunidades tradicionais são isoladas e por via disso, são as que

melhor podem lidar com a perda da biodiversidade e a criação de áreas protegidas, pois, com a sua mobilidade social e essas relações com pessoas de Maputo, África do sul, Suazilândia e outros cantos do mundo, permitem-nos afirmar que esta comunidade está interconectada ao mundo, pese embora com menor intensidade.

#### **4.6. Divisão sexual do trabalho**

Na comunidade de Machia existe uma divisão sexual do trabalho no que concerne as actividades quotidianas.

Enquanto os homens dedicam-se a extracção do carvão, produção de mel, e sempre que possível trabalham na construção civil, como pedreiros, e como guias turísticos, as mulheres dedicam-se actividade comercial, trabalham na produção agrícola, onde produzem, batatas, milho e mandioca e na produção do piripiri.

*“Nós mulheres daqui do distrito, é que cuidamos das nossas casas e ainda acordamos cedo para irmos ir a Salamanga vendermos, se você não acorda cedo, o que vamos comer em casa? Às vezes temos que ir a machamba primeiro, para só depois irmos vender”* (Catarina, 55 anos, comunidade de Machia).

Apesar de a interlocutora considerar que a tarefa de cuidar de casa na comunidade de Machia era responsabilidade da mulher, Marulo (2012), contraria essa visão mostrando que os homens são quem cuidam das actividades domésticas durante o tempo em que as mulheres da comunidade estão a exercer outras actividades como o comércio fora da comunidade de Machia.

Algo curioso, é que a interlocutora em conversa informal também revelou-me que homens sentem-se como agentes activos nos cuidados e atenção as tarefas domésticas.

*“Homens também devem cuidar das tarefas domésticas, pelo menos lavar as suas roupas, dar banho as crianças, por exemplo, Daniel já que anda com brancos, até cozinhar, cozinha quando a sua esposa estiver no Salamanga, não é que nem esses Mandindis”* (Catarina, 55 anos, comunidade de Machia, 2016).

A interlocutora mencionou que os guias turísticos por conviver com os brancos (turísticas) e necessidade de prestar serviços a estes, acabam também por desempenhar papéis sociais que normalmente são atribuídos as mulheres.

Neste sentido, é possível afirmar a partir de um outro ponto de vista do Mateus, que na comunidade de Machia, existe uma percepção de que há actividades que só podem ser desempenhadas por homens, e outras por mulheres, como por exemplo, cuidar das crianças e cozinhar.

Pese embora exista uma crença generalizada de que há papéis sociais normalmente atribuídos a mulheres e homens têm que se estar atento as novas dinâmicas de transformações sociais de género, há evidências de subversão de papeis que acreditam-se ser específicos para determinado sexo.

*“Nós quando acordamos vamos tratar das nossas responsabilidades, achas que as mulheres aguentam atravessar aquela floresta? Não senhor! As senhoras em todo mundo cuidam dos seus afazeres”* (Mateus, 50 anos, comunidade de Machia).

Este argumento, ilustra que na comunidade de Machia, os papéis de género são também constituintes da forma como os indivíduos irão construir, conceber, e interpretar o que são actividades para mulheres e homens.

Por via disso, Bento (2006), emprega o conceito género, para mostrar que género é algo que as sociedades criam para significar as diferenças dos corpos sexualizados que assenta-se em uma dicotomia entre sexo (natureza) versus género (cultura). Segundo essa visão, cada cultura moldaria, imprimiria, suas marcas nesse corpo inerte e diferenciado sexualmente pela natureza.

No contexto da comunidade de Machia, as diferenças biológicas são a primeira referência para a definição dos papéis de género. Pese embora não seja percebido entre todos os indivíduos.

#### **4.7. Relação da comunidade de Machia com o meio ambiente na REM**

Segundo um gestor da REM a criação dos projectos na REM que incluem as comunidades foi resultado de estratégia que visa estancar a com a perda da Biodiversidade na REM.

Esta foi tomada quando viram que a situação já estava insustentável, as comunidades matavam muitos elefantes, alegando que os elefantes invadiam as suas machambas. Por dia disso, acharam por bem criar projectos em que as comunidades pudessem ter subsídios para não mais matar os elefantes.

Um outro argumento indica que ainda há abate de animais na REM protagonizado por alguns indivíduos que estão no projecto da REM, pois eles entendem que a REM devia lhes pagar por não matarem mais os animais, uma vez que eles dependiam desses animais para a sua sobrevivência.

A perspectiva oficial da convenção dos acordos do meio ambiente defende que as comunidades tradicionais, uma vez inseridas na gestão participativa irão solucionar os problemas ambientais e evitar que mais animais entrem na pauta da extinção, estas comunidades tem uma relação harmónica com a natureza, uma vez que sentem que também são parte da natureza, destruindo a natureza destroem-se a si mesmo (Creado et al 2011).

*“Temos conhecimento de que há pessoas que ainda abatem os animais quando escapam da cerca eléctrica. Nós não fazemos isso, mas também que fazer? Não fazem isso na Reserva, mas sim só quando os animais saem das grades, nós já não nos responsabilizamos. Essa é tarefa dos guardas ”(Jorge, 60 anos, comunidade de Machia).*

Na narrativa da outra entrevistada fica claro que os saberes da comunidade de Machia são usados como estratégia de reprodução social, o que consequentemente vai permitir a protecção dos animais contra essas comunidades, para que as suas actividades quotidianas não possam atentar contra a vida dos elefantes e outras espécies marinhas.

*“Nossos antepassados sempre nos ensinaram a conviver com a natureza porque é de lá, onde saem todas as coisas que a gente precisa para viver, por exemplo, só para tu veres*



*quando até os animais quando adoecem nós sabemos como lhes curar com estas plantas” (Jorge, 60 anos, comunidade de Machia, 2016).*

A relação da comunidade de Machia com o ambiente é conflituosa e isso contraria a perspectiva oficial da criação das áreas protegidas, pelo menos sob ponto de vista da perspectiva oficial. Entretanto a comunidade ainda pauta pela caça furtiva, abate de árvores e pesca nas áreas de conservação.

No entanto, a caça continua sendo umas das alternativas usadas pela comunidade pela comunidade como estratégia da sua reprodução social.

## **Considerações finais**

Esta pesquisa analisou saberes locais no processo da gestão e conservação da REM, e constatamos que os saberes locais no entrelaço da gestão e conservação da REM são usados como estratégias de reprodução social.

A princípio este trabalho tinha o objectivo de só analisar a importância dos saberes locais e o contributo deste mesmo conhecimento na gestão e conservação da REM, considerei que mais do que colocar o enfoque sobre a importância dos saberes locais era preciso ir mais além perceber as estratégias adoptadas na comunidade de Machia para sustentar as suas necessidades.

A relação da comunidade de Machia com o meio ambiente é “conflituosa”, uma vez que a comunidade de Machia entende que o seu papel é trabalhar para a Reserva e com isso serem remunerados, e que a sua relação com o meio ambiente, as suas responsabilidades na reserva cessam quando saem dessas das áreas protegidas e pertencentes a Reserva. Ora, quando os animais escapam da vedação são mortos pela comunidade, porque entende que já não estão sob a sua custódia.

O outro elemento que merece atenção é que a comunidade de Machia entende que a administração da reserva, deve-lhes remunerar por não estar mais a praticar a caça furtiva. Deve ser por isso, que a implementação desses projectos até então ainda não tenha surtido efeitos pretendidos.

Constatamos ainda que as estratégias usadas pela comunidade de Machia para sustentar as suas necessidades estão ancoradas no parentesco, pois, o parentesco mostra-se estruturante das relações sociais da comunidade de Machia, pois todas as alternativas usadas pela comunidade de Machia para reproduzir-se socialmente, tem como referência a amizade, afinidade, e consanguinidade.

Os saberes da comunidade de Machia são muito importantes para garantir que os elefantes e outras espécies marinhas por exemplo, não sejam caçados e entrem em extinção. A REM usa os saberes da comunidade para dar mais alternativas a comunidade de sustentar as suas necessidades de modo a não optar pela caça furtiva.

Através de entrevistas e observação foi possível notar que a comunidade de Machia mantém relações transfronteiriças com pessoas doutros pontos do país, assim como

também fora do país, essas relações são motivadas pelas actividades comerciais, parentesco e pela procura de emprego.

Essas relações transfronteiriças da comunidade de Machia permitem-nos discordar e problematizar as duas linhas do raciocínio Redfield (1989) e Diegues (2001) que defendem que as comunidades tradicionais são isoladas e por via disso, são as que melhor podem lidar com a perda da biodiversidade e a criação de áreas protegidas, pois, com a sua mobilidade social e essas relações com pessoas de outros cantos do mundo permitem-nos afirmar que não são isoladas do seu espaço geográfico, social e cultural.

## Referências

Barbosa, Rômulo Soares; Dos Santos, Fábio Dias; Unimontes. (S.d). “Agropecuária, Meio ambiente, e desenvolvimento sustentável” in *Sober XLVI congresso da sociedade brasileira de economia, administração e sociologia rural*

Berkes, Firket. (1999). “Sacred Ecology, traditional Ecological Knowledge and Resource Management”.Philadelphia.

Berger, Peter; Luckman Thomas. (1985). “Construção social da realidade”. Tradução de Reynaldo Bairrão. 5ed. Petrópolis: vozes.

Bogdan, R. e Bucklin, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto editora.

Burdieu, P, Passeron, J. (2009). “A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino”. Tradução de Reynaldo Bairrão. 2 ed. Petrópolis: Vozes.

Cáceres, D. (1995). “Estratégias campesinas em sociedades rurales contemporâneas”. In: *Revista da La Facultad de Agronomia*, v 15, n. 1. Bueno Aires, p. 67-72.

Santos, de Souza Boaventura; “Meneses, Maria Paula; Nunes, João Arriscado. (2006). Conhecimento e Transformação Social: Por uma Ecologia de Saberes” in *HILEIA revista de direito ambiental da amazônia*, nº 6, 112 p.ISSN: 1679-9321 (Semestral) edições Governo de estado de Amazonas

Creado, Juliana Santos Junqueira; Ferreira, Lúcia da Costa. (2011). “O caleidoscópio conservacionista: o SNUC como acordo temporário no ambientalismo” in *Conflitos Socio ambientais, Desenvolvimento sustentável e Gestão AmbientalL: Olhares críticos e Abordagens Contemporâneas*.

Diegues, António Carlos S. (1993). “O mito de natureza intocada” Populações tradicionais em unidades de conservação .Serie: *Documentos e Relatórios De Pesquisa* São Paulo.

- Eric, Hobsbawn. (1984). Introdução: “A invenção das tradições”. Rio de Janeiro. S.E
- Geertz, Clifford (1989). “A Interpretação das Culturas”. Rio de Janeiro. LTC editora S.A.
- Malinoski, Bronislaw. (1974). “*Argonautas do pacífico Ocidental*”, *Ethnologia*, 6 (8): 17-37.
- Heilborn, Maria Luiza. (1997). “Gênero, Sexualidade e Saúde” In: *Saúde, Sexualidade e Reprodução - compartilhando responsabilidades*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, p. 101-110.
- Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). (2010), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ngoenha, Severino. (1994). O retorno do bom selvagem: uma perspectiva filosófica - africana do problema ecológico, Edições Salesianas.
- Pottier, Johan; Bicker, Alan; Sillitoe, Paul.(1988). Negotiating Local Knowledge: power and identity in development in *Anthropology, culture, and society*. London
- Redfiel, R. (1989). "The Social Organization of Tradition". In: POTTER, J. etalii. *Peasant Societies*. Boston: Little Brown.
- Roberts, Bryan. (1994). “informal economy and family Strategies”. *Journal of Urban and Regional research*, vol. 18.